

As sombras sonoras

A sombra do urubu na pedra escura,
eu a contemplo desde o apartamento
do poeta maior. Contentamento
é o grau primeiro do prazer. Atura
melhor a vida quem não se assegura
na simples fruição do pensamento.
Comento com o poeta e lhe apresento
todos espinhos desta vida dura.

A pedra é grande, adusta, vertical,
e eu fito como simples animal
este enigma enorme, da janela,
tentando ver se alguma coisa medra
no leito desta gigantesca estrela,
além da sombra do urubu na pedra.

Numa tarde de abril, serena e lânguida,
eu me entretinha absorto a imaginar.
Como flores de calêndula no ar
a minha tarde se fazia cândida –
os amarelos eram parte grande da
cor que inundava a tarde no lagar.
Enquanto eu me inclinava a meditar,
o pôr-do-sol ia buscar o sangue da
aura pra tingir o céu aberto,
tremeluzindo o sol, quase encoberto,
a rendilhar o outono tropical.
E as borboletas, palpitando cores,
vão da calêndula beijando as flores
em um silencioso carnaval.

O tempo passa, passa, a vida passa.
O silêncio redime a madrugada - -
a rima é fácil. É inverno. Nada
anda lá fora. A chuva, de pirraça
é que não passa e o vidro molha, embaça
como se tudo fosse apenas nada
e o silêncio um brutal conto de fada,
em que a graça consiste na desgraça:
uma história sem fim, princípio ou meio
em que o belo consiste em ser o feio
e o caçador em ser a dor e a caça.
Vão embora! Ergo um brinde. Sorvo a taça.
Fico bêbado, bêbado, sem freio.
E a vida passa, passa. Tudo passa.

Jamais gostei das duras avelãs,
 extorquiam-me a paciência de quebrá-las
 num Natal sempre triste; enquanto as nozes
 logo se espatifavam aos meus golpes.
Missa do galo, lembrando o conto,
 a mesa posta, a ceia, o vinho, os sinos
 em repique – na noite um ar de prece.
 A esperança também se senta à mesa.
Nasce um Deus! Nada mais. E na província
 faz calor. E o calor; mesmo se é pouco,
 a ninguém interessa. Permanece
o beijo sempre doce da utopia --
 a verdade cruel de ter família
 e a mais cruel ainda de não ter.

Já não me aflige a pasmaceira
do domingo. Meus filhos mundo afora
e eu em casa pensando. A vida inteira
ensina-me a ser só. Não é agora
que eu hei de reclamar. Segunda-feira
há de chegar. Há de chegar a hora
em que se apague a chama derradeira;
em que a vida me diga: vá-se embora.
Tudo tão natural. A árvore morta
já não abriga pássaros nos ramos
que, pouco a pouco, vão caindo ao chão.
Amei mal as mulheres. Mais amamos
nós mesmos, nosso ofício. Pouco importa
a vida; este domingo; a solidão.

A carne é alegre, rei! Eu sou analfabeto - -
como um pássaro ébrio eu me encharco de luz
e gozo. E gozo e gozo. Tudo me seduz
desde o vôo do condor ao esvoaçar do inseto.
Quando a alvorada rompe o meu sono inquieto,
desdobrando a manhã com todos seus azuis,
desdobro o coração, a tudo faço jus.
E hei de viver - - basta-me a vida por objeto - -
eu não sou marinheiro eu sou capitão;
vou navegando neste barco de papel
e vou cantando, pulso firme no timão.
Agarre o dia que a tristeza não tem vez
e a vida gira num eterno carrossel.
Triste mesmo é posar de poeta francês.

Na varanda da frente, um pé de murta
recende, enquanto em gato vagaroso
e sorrateiro espicha o corpo e furta
um carinho, curvando-se dengoso.
Latem os cães.a pitangueira arqueia
seus galhos, na promessa da pitanga -
um marasmo macio cobre a aldeia
de Santo Amaro Lauro de Ipitanga.
Tem graviola e jamelão. Romãs
Lembram Perséfone e seu rapto ao Hades.
Desprende o manacá, pelas manhãs,
perfume que perdura pelas tardes.
Eis a casa afetuosa e hospitaleira
Onde sequer não falta uma oliveira.

Tu dizes não mas dize-o com um suspiro.
Teu não é um talvez, talvez é sim.
Tu te esquivas ao beijo, mas, ao fim,
te entregas ao querer. Amor, prefiro
que hesites; que recues - - mais me atiro
e te enlaço e te entranho toda em mim,
crepúsculo furtivo e carmezim,
o sol vertendo a noite ao fim do giro.
E uma vez mais em fogo nos amamos;
uma vez mais no abismo mergulhamos.
E ao voltar, em remorso e depressão,
Tu choras, maldizendo nossa cama.
A culpa não absolve a tua chama - -
nada pode a moral contra a paixão.

Quando a imagem persiste, a mão trafega
na superfície branca e ali desenha,
pela emoção o cérebro se emprenha;
o coração afirma e a mente nega.
Quando o acaso ao fascínio nos entrega
como um seixo que d'alto se despenha
como fogo que queima ser ter lenha;
como jorro de luz que os olhos cega;
persiste a imagem pois se a tem de cor,
realidade num sonho em si composto,
remete uma cidade a outra cidade
pelo sofrido júbilo do amor.
Menina doce, eu desenhei teu rosto -
Desenho agora este soneto de saudade.

Jamais consegui do Hades resgatar-te,
por mais que o meu canto aos ouvidos fosse
do atro guardião um lamento doce,
alto o meu engenho a elevar minha arte.
Ainda uma vez, teu poeta parte
só, sem ter-te em mim, sombra, não te trouxe.
Não olhei pra trás mas o amor frustrou-se - -
deixas, sem remédio, a dor de deixar-te.
Tudo vai passar. Nada vai mudar.
Restará o silêncio, anulando o grito.
Mas o menestrel sempre há de cantar.
Sempre há de atrelar rédeas ao infinito.
A dor passará. O amor vai passar.
Só não passará o esplendor do mito.

A minha amada é só uma menina
(é só por isso que ela é minha amada).
Por ela, minha quadra virou quina.
Por ela, minha rima sai cruzada.

Neste soneto arrasto a triste sina
de só em versos tê-la. Desligada,
quando passa por mim, nem imagina
que é a razão desta paixão metrificada.

Ah, são hipérboles seu rijos seios,
pontiadamente em suas blusas,
suas coxas são doces assonâncias.

Metonímia de mim., Ó versos feios!
Menina arisca, flor das minhas ânsias,
você me inspira mais que as nove musas.

Somos todos Ulysses. Numa ilha
há de findar a peregrinação;
numa Penélope que a dor partilhada,
tecendo teias de recordação.
Somos também Enéias, maravilha
romanizada sem ter opção
onde a centelha, de uma Grécia brilha
em língua, em arte, em pensamento e ação.
Somos, sem ser (mulatos em verdade)
ocidentais e brancos; mas judeus
são nosso lar e lei e liberdade,
nossa meiguice, nossa fé, e Deus;
e é tão judia a dor de uma saudade,
que não se a escreve ao se dizer adeus.

Hei de levar-te em mim até o fim,
cada dia brutal de tua ausência;
mais que dor, na completa consciência
de uma flor que murchou em meu jardim
Permanece, contudo, dentro em mim
teu perfume sutil, a tua essência
que me leva ao delírio da demência
como nardo, papoula ou alecrim.
Passaste como um sol em minha vida.
Eu não sou mais o mesmo desde então,
nesta existência desapetecida.
Minha alma se abrirá como um vulcão
para verter esta ilusão perdida
que um dia trouxe vida ao coração.

*Que fará o favor que vós não da
vosso desprezo torna a vida?*

Quando

Luís de Camões

Quando me condenaste ao exílio, amiga
seqüestrando de mim a tua imagem,
restou-me a dor por esperança, aragem
que o coração, por ilusão, abriga.
Julgaste. Sentenciaste. A alma mendiga
vagou (pelo relento da paisagem)
esfarrapadamente na friagem
quando me condenaste ao exílio, amiga.
Não obstante, eu te quero ainda mais
e o teu desdém me atrai e tem-me preso,
barco que o vento traz de volta ao cais.
Minha inimiga, se arde assim meu peito
quando é só o desprezo que me dás,
será o sol se tu me dás teu leito.

Eu vou viver, amada, eu vou viver
muito além do meu tempo; além de ti;
além do amor, por certo, hei de viver,
e nosso amor há de viver por si.
Há de viver a Itália. E percorrer
Minas, Brasil, meus versos. Não fugi.
Foi só uma viagem; não parti - -
partir é uma maneira de morrer.
E um dia morrerás. Muito depois
que eu me for deste deleitoso inferno,
cerrar meus olhos ao chegar meu dia.
Porém, se o amor findar, para nós dois,
tenho certeza que vai ser eterno
na tênue eternidade da poesia.

Tu vieste do nada, impressentida
como uma brisa súbita na tarde
quanto o sol já declina: já não arde
como em plena manhã. Trouxeste a vida
que me fugia, despercebida,
e que me devolveste sem alarde.
Não há poder que para sempre guarde
a delícia que foi apetecida.
Como uma brasa morna me marcaste;
Deixaste-me escondida, por sutil,
a cicatriz de queimadura interna.
E, súbita, partiste qual chegaste -
porém, ao ser a brisa que fugiu,
porque foste fugaz, serás eterna.

Mal maior me farás se não me deres
teus favores, ao invés, se tu me dás,
pois perderei de vez a minha paz
no afã de perpetuar esses haveres.
Completude é uma luz que a todos seres
um rastro de infinito, em si, nos traz.
Em ti e não em mim completo jaz
meu coração, se o teu me concederes.
Se te entregas ao sol do meu querer,
teu corpo em holocausto ao meu prazer:
o que há de vir depois da perfeição?
O vazio de dois em estar a sós.
Vale mais o querer que ter, após,
em silêncio soturno a solidão.

A mesa já está posta. É terça-feira.
Eis o carteiro. Bate à porta e entrega
Um livro que solicito carrega -
quem remete é um poeta de primeira.
O almoço está na mesa. Eis a copeira,
serve a salada, o peixe; e lá da adega
eu peço um Beaujolais branco que rega
e comemora a entrega alvissareira.
Poemas reunidos. Zelo gráfico
embeleza a edição que impressiona;
que encanta com a linguagem da poesia - -
o verso é um vício; um majestoso tráfico.
No vinho e verso, a vida me abandona:
Poeta (a amada chama), o almoço esfria.

Eu pagarei teu preço, ser amada
e pagarás meu preço, te entregares - -
faremos nossa cama sobre os mares,
amor com uma paixão inusitada.
Meus olhos vertem luz incendiada
em teus olhos oblíquos, teus esgares
de orgasmo que te trazem avatares,
dolosa e umidamente atravessada.
Rasga o sol na alvorada a descamar
o céu que se desdobra em horizontes,
na pradaria azul do longe mar.
Galopam as ondas qual febris bisontes - -
no teu cálice há vinho a transbordar
e fluem, florescendo as minhas fontes.

Ao construir-te, amor, eu me construo,
e cada vez mais forte, me disponho
a ter-te na vigília como um sonho;
a cultuar-te como a mim cultuo.
Assim, ao possuir-te, eu me possuo
e ao te compor, sou eu que me componho.
Enquanto escrevo, afasto a noite e ponho
a mente no alto e no alto me situo.
O papel é um espelho. Premedito
meus versos, flor e pranto na alvorada.
O galo canta. A onda quebra. O sol
raiou sanguineamente no farol
sobre o oceano.. E mais o quê? Mais nada.
se rompeu a manhã, tudo está dito.

Desfez-se ante os teus pés, minha senhora,
a flor efêmera da mocidade
que machucaste com impiedade,
até que, entediada, foste embora.
Tanto tempo servi. Relembro agora
os teus caprichos, tua intensidade,
voragem de viver, insaciedade
que te impelia a tudo, a toda hora.
Não sou mais um menino. Ásperos anos
fizeram um arremedo de mim mesmo,
uma sombra no fundo da neurose.
Resolvo a culpa vil dos meus enganos
nos bares, imergindo, dose a dose --
e a vida vai levando a vida a esmo.

A tua inquietude é que me atrai
e não a tua curva de escultura.
Nem teu rosto de louça. O tempo vai
desfazendo o que faz. Nada perdura.
Tudo falece. Tudo um dia cai.
E se veste de amargo o que é doçura;
Mesmo no teu corpo onde sobressai
o anel delgado de tua cintura.
Este teu jeito arisco me parece
de nuvens em um céu de tempestade.
Me excita. Vez que o belo só me ilude.
A sensualidade obvia me arrefece. –
mesmo que em ti o animal me agrade,
o que me atrai é tua inquietude.

*Vossos olhos, senhora, que competem
com o sol em formosura e claridade
Luís de Camões*

Senhora, quando vejo, tão formoso
o vosso gesto amado que sorri,
percebo que outro igual não sei nem vi
e que vosso desprezo é deleitoso.
Vede, meu sofrimento é tão gostoso
e leve como a pena que escrevi;
me apraz cumprir a pena que cumpri
por crime de que não sou criminoso.
Se errei ao desejar casta mulher;
se chorei por um riso tão bonito;
se amei quem não me ama nem me quer,
parecer não me importa o esquisito;
hei de chorar sorrindo até morrer,
hei de errar por amor ao infinito.

*Quem pode livre ser, gentil senhora
Vendo-vos com o juízo sossegado
Luís de Camões*

Essa cadeia em que me tendes preso
por temer vossa ausência, na verdade,
é silencio; é degredo; é saudade;
arrefecer de um coração aceso.
Pois prendeis-me no laço longo e teso
da virtude que um dia atar-vos há-de
ao pecado do amor que hoje me invade
e somente se nutre de desprezo.
Sei bem que a castidade que irradia
Vossa voz cristalina vos detém;
Mas Amor sempre vence na porfia,
o contrario em si mesmo se contem –
mor virtude é o pecado por amar.

Vejo tudo passar .Eu vejo o dia
descambar no horizonte .É meu afã
um incêndio de cores ,e a manhã ,
o desperdício de uma luz vadia.
A vida rola sobre mim.Seria
menos cruel se a natureza vã
regurgitasse a embriagues pagã,
e transformasse o vento em calmaria .
Este banquete azul de vida e cor
vem celebrar meu trôpego fascínio
vem me iludir com efêmero fulgor.
O poeta constrói o seu escrínio,
carrega a decadência num andor ;
num delírio cruel seu decl

Quero a espontaneidade de um cavalo
em galope no prado do papel --
que possam escutar o seu tropel,
o que falo e também o que não falo.
Quando mais quero falar ,eu calo:
o verso eu encastôo em um anel ,
rimando Betelgeuse com Rigel;
cantado a madrugada feito um galo
Solto a voz, as palavras , ao fluir ,
vão murmurar ,fugir ,gemer ,gritar
cadência a percuti dentro do ouvido .
Mas onde estou perdido a discutir
palavras , fala , versos a cantar ,
do tropel do cavalo já esquecido ?

Onde é que estão as moças que floriam
a primavera azul de itapuã
desabrochando os corpos que vendiam
na incerteza que mancha o amanhã?
Onde é que estão estas meninas ?Mora
nas arvores a chuva , o vento , o frio :
o inverno se assentou de vez agora ;
pouca lembrança há de resta do estio -- -
Só uma nesga de sol que se insinua
sobre as mesas de plástico molhadas ;
só uma réstia de vida veste a rua :
os raros transeuntes nas calçadas .
Nas ruas . Quase nuas , tão sem cor ,
procuro as moças como sombra em flor .

Vem , Flávia , os flamboyants estão florindo:
a primavera arrebentou .Demoras .
não suporto este roer das horas ;
esta espera que vai-me consumindo.
Tudo é dezembro .Eis que o verão vem vindo .
O tempo me galopa com esporas.
E tu não vens.Tão rubras as auroras .
A natureza toda está-se abrindo .
E tu vens na réstia do luar ,
com asas de crisálida.Não vens
E o sol reténs , em noite sobre o mar .
Vem , Flávia , deusa do meu frio inferno.
meus olhos dos teus olhos são reféns ,
dezembro desconhece o teu inverno.

Eu te quero com sombra e suavidade .
carícia de uma brisa matutina
que trescalasse o cheiro da campina
quando alvorece o dia em escuridade;
Silêncio que me traz sonoridade ;
penumbra que meus gestos ilumina;
pétala tépida é a tez menina
gosto de sol; de seiva ;liberdade.
Eis quê, na minha solitude mansa
do ocaso , quando o fim já principia;
tu incitas , gazela , meu cantar .
De que me servirá esta esperança;
esta ilusão cruel , que rompe o dia ,
envolta em minha luz crepuscular?

Quanto coisa se esconde por detrás
destas simples palavras fantasia
fugaz .Seduz e encanta a melodia
que o meu ouvido captura a faz
Pensado o som que a realidade traz
para codificar sua harmonia.
Já foi o dia . Apenas mais um dia.
A noite é vem . Ocultos animais
Farejam sombras ,restos do festim
que outrora o mundo ofereceu a mim
e o aqui e agora tem-me recusado .
Nem pode mais me dar .É tarde . Eu sinto
que só falo a verdade quando minto.
Eu me espreguiço.Dane-se o passado.